

# JACOBIN

ESQUERDA E PODER



R\$60

**Encruzilhadas da luta negra**

**BRUNA PEREIRA E MARCOS QUEIROZ**  
PÁG. 66

**A classe trabalhadora vai a um novo paraíso**

**JULIANE FURNO E VÍCTOR MARQUES**  
PÁG. 78

**Por uma ecologia da práxis**

**RODRIGO NUNES**  
PÁG. 116

**Pisar leve sobre a terra**

**AILTON KRENAK**  
PÁG. 146

**A estratégia do campo para o poder**

**ROSA AMORIM**  
PÁG. 166

# Os cineastas e as imagens da cidade

**Se o capital insiste em produzir cidades como mercadoria, a produtora mineira Filmes de Plástico se vale da arte para reimaginar o urbano como obra humana, fazendo de Contagem cenário no qual se expressam as contradições e utopias do cotidiano da classe trabalhadora brasileira.**

POR LUCAS GESSER, PEDRO ABELIN E VINICIUS JANUZZI

**Em uma entediante** tarde de sábado, um jovem morador de Contagem/MG resolve construir uma praia no quintal de sua casa. Areia, guarda-sol, piscina de plástico... Estão ali os elementos necessários para se emular um dia à beira do mar em uma casa na periferia de uma cidade mineira. Porém, algo ainda falta: o tempo ensolarado. A solução logo é encontrada: utilizando um potente fresnel, tipo de refletor muito comumente utilizado em produções cinematográficas, o protagonista do curta *Filme de Sábado*, de Gabriel Martins, faz a sua luz de praia.

Filmada de cima de uma laje, uma cena noturna mostra um posto de gasolina na esquina de um cruzamento em uma região metropolitana. Fora de quadro, dois amigos casualmente conversam sobre temas cotidianos – uma dívida, um novo corte de cabelo... Subitamente, um destes amigos (que jamais veremos em quadro durante toda a duração do curta-metragem) parece notar a presença da câmera que filma a rua. A ilusão do aparato cinematográfico é irreverentemente quebrada, e o espectador descobre que os personagens do curta-metragem estão cientes de que algo está sendo filmado. O desenlace deste pequeno jogo de cena vem logo em seguida: *Fantasma*, o curta-metragem de André Novais de Oliveira, existe porque um de seus personagens descobriu que sua ex-namorada sempre passa de carro por aquele cruzamento em determinada hora da noite, em determinado dia da semana. Resolve então filmar a passagem do "fantasma da ex", alegando que, assim, poderá esquecê-la.

Lançados respectivamente nos anos de 2009 e 2010, *Filme de Sábado* e *Fantasma* já apresentavam aquelas que seriam algumas das características mais marcantes do cinema realizado pela produtora Filmes de Plástico: o cotidiano das periferias das grandes cidades brasileiras, um gosto pelo jogo explícito com as convenções e os aparatos cinematográficos e a presença de sonhos, devaneios e desejos como força motriz principal para as ações e decisões de seus personagens.

Criada em 2009 pelos diretores André Novais Oliveira, Gabriel Martins, Maurílio Martins e pelo produtor Thiago Macêdo Correia, a Filmes de Plástico possui seis longa-metragens e diversos curtas. Hoje sediada em Belo Horizonte, a produtora foi fundada na cidade de Contagem, locação recorrente em suas produções. E se representar a periferia das grandes sempre foi um dos grandes desafios do cinema brasileiro, esbarrando frequentemente em diferentes formas de estereotipia e fetichização, a riqueza do cinema da Filmes de Plástico vem da capacidade de seus realizadores de tratar a cidade de Contagem como um território múltiplo e contraditório, revelando dife-

→

→  
rentes facetas de suas potencialidades e conflitos a cada filme. Essa filmografia jovem, mas já bastante vasta, permite representações preciosas dos dramas, dilemas e sonhos que habitam as cidades brasileiras.

Mas que representações da cidade estão presentes nesta filmografia jovem, mas já bastante vasta?

### CONTAGEM E O ESEJO DE FUGA

Lançado em 2019, o longa-metragem *No Coração do Mundo* é uma espécie de expansão das histórias, temas e personagens trabalhados pelos diretores Gabriel Martins e Maurílio Martins em seus curtas *Contagem* (2010) e *Dona Sônia Pediu uma Arma para seu Vizinho Alcides* (2011).

O filme, uma narrativa de múltiplos protagonistas, nos apresenta personagens que estão, de diferentes formas, em ponto de esgotamento com a vida que levam. Ana (Kelly Crifer) é uma cobradora de ônibus, presa entre as obrigações de cuidar de um pai doente e a violência cotidiana de seu ambiente de trabalho. Marquinho (Leo Pyrata) é um trambiqueiro taciturno, vivendo de pequenos golpes e sob a desconcertante condição de nunca ter saído da casa de sua mãe. Selma (Grace Passô) é fotógrafa freelancer em escolas de Contagem e está disposta a tomar medidas drásticas para prover uma vida melhor para sua mãe e sua filha. É sob sua liderança que o filme faz a transição entre a minuciosa crônica dos dramas cotidianos para o cinema de gênero: Selma recruta Ana e Marquinhos para um ambicioso assalto, cujos espólios têm o potencial de lhes garantir uma vida nova, em outro lugar.

Mas para onde Selma deseja ir? Em monólogo que, mais uma vez, joga com o próprio aparato cinematográfico (é encenado através de um



*No Coração do Mundo* FOTO: DIVULGAÇÃO

monitor que mostra as imagens de uma câmera fotográfica dentro da própria cena), Selma descreve o que chama de “O Coração do Mundo”: é “o próximo lugar pra onde a gente quer ir. Aonde a gente quer pisar. Pra onde vai o desejo da gente.”

O sonho acordado e o devaneio são alguns dos principais temas da obra do filósofo marxista Ernst Bloch. Em seu projeto de elaboração de uma Ontologia comunista, Bloch compreende o mundo como sempre incompleto, fazendo assim com que a ação humana só se torne plena de sentido quando orientada ao Futuro: insatisfeitos com suas situações atuais, os seres humanos escavam o presente em busca das condições para construir uma nova vida. Para Bloch, o devaneio (bem como a Arte) é um espaço de descolamento do presente e elaboração de porvires possíveis. O sonho acordado é o espaço do ainda-não-ser.

“Aqui não é mais meu coração do mundo não. Já foi. Não é mais, acabou. Saturou. Agora eu quero ir pra outro lugar. Só isso”, completa Selma

em seu monólogo. Para ela, Marquinhos e Ana, o cotidiano periférico se apresenta como simultaneamente saturado e incompleto. A fuga para outro lugar não é apenas a busca por um deslocamento espacial (da periferia para o centro), mas também o desejo pela abertura para um futuro indeterminado, radicalmente outro. Contagem aqui aparece como uma espécie de vórtice, cuja força centrípeta é difícil de se enfrentar.

### MARTE UM E A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO SUJEITO PERIFÉRICO

Em *Marte Um*, a temática dos sonhos e desejos do sujeito periférico, presente desde *Filme de Sábado*, é retomada, desta vez tendo a ascensão da extrema direita na política institucional brasileira como um ameaçador pano de fundo. Na cena de abertura do filme, Deivinho (Cícero Lucas), um menino negro, contempla as estrelas da noite de Contagem enquanto ouve os fogos em comemoração a vitória eleitoral de Jair Bolsonaro.

Ao longo do filme, a relação entre tempo e projetos de vida dos personagens está em constante tensão com a realidade social na qual estão inseridos. Eunice (Camilla Damião), irmã de Deivinho, está terminando a Faculdade de Direito e, a contragosto dos pais, deseja sair da casa da família para morar com sua namorada. Deivinho, por sua vez, vê-se em confronto com as expectativas do pai, Wellington (Carlos Francisco) à sua própria maneira. O garoto sonha em ser astrofísico e integrar a primeira missão tripulada à Marte, enquanto Wellington traça planos para que o filho se torne jogador de futebol. O sonho de Deivinho, porém, não é apenas um desafio às expectativas paternas, mas à própria ideologia racista brasileira que inscreve de formas pré-determinadas os possíveis lugares sociais a serem ocupados pelo sujeito negro. A referência às eleições de 2018 no filme não é, então, mero adereço de fundo: enquanto Deivinho almeja um futuro até então inédito para o jovem negro periférico, os gritos bolsonaristas parecem esbravejar contra qualquer possibilidade de mudança – sobretudo aquelas protagonizadas por pessoas subalternizadas e periféricas e em posições de poder não hegemônicas.

Jair Bolsonaro surge somente uma vez na tela, mas o mal-estar de um país assombrado pelo bolsonarismo é onipresente. Se a vitória do conservadorismo simboliza o triunfo de um projeto que visa a manutenção e radicalização das desigualdades, seu casamento com o neoliberalismo visa instituir relações cada vez mais atomizadas, incluindo as da família nuclear. Como argumenta Wendy Brown em *Frankenstein do neoliberalismo* (2019), para os neoliberais, “o social” e a própria sociedade não existem. O neoliberalismo cria um ethos social condicionado aos significados do mercado que fragiliza gradativamente o sóciopolítico. No entanto, a família de *Marte Um* resiste a formas de subjetivação individualistas em que o econômico é expandido para todos os domínios da vida. Obedecer a esta lógica é limitar o potencial da própria vida. Embora o núcleo familiar de *Marte Um* seja um espaço de onde diferentes conflitos emergem, ele é também o espaço onde se forjam laços de afeto que oferecem abrigo frente à barbárie fascista. O espectro de Bolsonaro é opressivo, como fica evidente na cena que personagens assistem – insatisfeitos – à posse presidencial. Isso não impede, contudo, a família e amigos de organizarem uma festa regada a samba e churrasco para Tércia (Rejane Faria).

Quando a família se reúne para observar *Marte* e as estrelas através do telescópio criado por Deivinho, o pai pergunta sobre o preço da participação na missão *Marte Um*. Deivinho afirma que tal esforço custaria milhões de

dólares, e o pai responde: “Uai, a gente dá um jeito”. Não há nada que possa ser colocado no caminho dos sonhos da família periférica. Nem mesmo a hecatombe do bolsonarismo.

### TEMPORADA - PERIFERIA E COMUNIDADE

Se em *No Coração do Mundo* vemos em *Contagem* uma espécie de purgatório da qual os protagonistas desejam escapar e em *Marte Um* a unidade familiar aparece tanto como fonte de conflitos quanto como de lugar de acolhimento frente a uma realidade social hostil, em *Temporada* (2018), André Novais Oliveira nos apresenta a relação de sua protagonista com o espaço urbano e com a construção de uma comunidade sob outra perspectiva.

No filme, acompanhamos Juliana (Grace Passô), mulher que se muda do interior de Minas Gerais para Contagem após passar em um concurso para trabalhar como agente de controle de endemias. Carlos, seu marido, ficou para trás, sob o pretexto de resolver algumas pendências antes de se juntar à esposa na nova cidade. No subtexto, contudo, não escapa ao espectador a sugestão de →

**E se representar a periferia das grandes cidades sempre foi um dos grandes desafios do cinema brasileiro, esbarrando frequentemente em diferentes formas de estereotipia e fetichização, a riqueza do cinema da Filmes de Plástico vem da capacidade de seus realizadores de tratar a cidade de Contagem como um território múltiplo e contraditório, revelando diferentes facetas de suas potencialidades e conflitos a cada filme.**



Marte Um FOTO: DIVULGAÇÃO

**O neoliberalismo cria um ethos social condicionado aos significados do mercado que fragiliza gradativamente o sociopolítico. No entanto, a família de Marte Um resiste a formas de subjetivação individualistas em que o econômico é expandido para todos os domínios da vida. Obedecer a esta lógica é limitar o potencial da própria vida.**

→ que alguma crise mais grave abala o relacionamento de Juliana e Carlos. A mudança para Contagem (e não o sonho de fuga da cidade) e a ausência de uma rede de suporte sustentam o conflito narrativo de *Temporada*.

Ao longo do filme, desdobram-se os dramas de uma tímida forasteira tentando adaptar-se à nova vida na cidade grande. Em longas cenas filmadas em planos abertos cuidadosamente compostos, Juliana passa aos poucos a conhecer a intimidade de seus novos colegas e, gradativamente, também torna-os confiantes de seus traumas, angústias e aflições. Seu trabalho também a coloca em constante contato com os moradores da cidade, cujas casas precisa inspecionar. Alguns a recebem de forma calorosa, com direito a café passado na hora e longas prosas. Outros são mais rudes, e Juliana deve aprender a lidar com eles da mesma forma. A periferia de Contagem é apresentada em acolhedores tons pastéis, banhada por uma constante luz do entardecer.

André Novais não se furta, entretanto, em relatar o processo violento através do qual o bairro em que Juliana vive foi constituído. Em bela sequência filmada sobre uma laje com vista para toda a cidade, um dos moradores relata à Juliana como os primeiros moradores que ali chegaram, vieram “tocados pela prefeitura da Vila dos Marmiteiros” para a construção de uma rodovia. Mas é justamente neste espaço fundado pela expropriação e pela espoliação que Juliana faz novas amizades, compartilha seus problemas e angústias, redescobre sua autoestima e, enfim, desenlaça seus impasses e inventa formas de seguir adiante. A cidade fica aí representada como um espaço marcado por dificuldades e contradições, mas onde novos afetos florescem e uma comunidade é construída.

Essa forma de encarar a cidade e de vivê-la encontra eco no argumento do geógrafo marxista David Harvey, que afirma que o direito à cidade não é somente um direito de acesso ao que já existe, mas um direito ativo de tornar a cidade diferente, de moldá-la conforme o nosso coração e de nos refazer em uma outra imagem. Esse direito implica em resistir e questionar uma sociabilidade urbana profundamente fundamentada na relação cíclica e exploratória entre propriedade privada, lucro e privatização dos espaços públicos. Implica caminhar em direção à defesa de Henri Lefebvre de que cidade e o espaço urbano sejam vividos não *como produtos* e sim *como obra*, isto é, espaços abertos ao indeterminado e cujo desenho seja coletivo.

Essa forma (múltipla) de produzir o urbano encenada no cinema da Filmes de Plástico nos apresenta um movimento político duplo: de um lado, ter ciência de que as relações entre

centro e periferias são adjetivadas de modo interseccional pelo gênero, pela classe e pela raça e que suas fronteiras existem *de fato*, porquanto estejam ligadas à mercantilização desenfreada do espaço; de outro, que essas relações não são fechadas e inescapáveis e, por serem um produto *social*, estão abertas à desconstrução, à erosão e à significação.

Para além de desafiar as formas neoliberais de urbanização, a busca pelo direito à cidade envolve a disputa sobre a criação dos imaginários e sentidos atribuídos às cidades e suas clivagens internas – os “desejos do coração”, como na expressão de Harvey. A capacidade de imaginar e significar, é claro, não é um atributo exclusivo ideológico – ricos e super-ricos imaginam novas cidades e novos futuros a todo momento e são muito conscientes de como isso pode ensejar novas realidades. A imaginação de um mundo múltiplo e em aberto, no entanto, deveria ser uma



Temporada FOTO-DIVULGAÇÃO

reivindicação *à esquerda* justamente por ter como premissa a noção de que a vida não é, necessariamente, *útil*, como alerta Ailton Krenak, a chamar a atenção para o fato de que o vínculo entre utilidade, crescimen-

to e capitalismo (ou civilização) nos trouxe ao ponto aonde chegamos – o fim do mundo como o conhecemos, já tão conhecido em sua tragédia pelos povos originários que foram invadidos em seus territórios. ■



## PLATAFORMA DE FORMAÇÃO POLÍTICA ONLINE.

FORMANDO PESSOAS E ORGANIZAÇÕES PARA OS DESAFIOS DEMOCRÁTICOS.

CONHEÇA NOSSOS CURSOS ONLINE | [f](https://www.facebook.com/caixadeferramentas.org) [i](https://www.instagram.com/caixadeferramentas.org) CAIXADEFERRAMENTAS.ORG

A ESTRELA VERMELHA BRILHA SOBRE A CHINA  
COM HUGO ALBUQUERQUE

COMO ENRIAR E COORDENAR UM CURSINHO POPULAR  
COM JOÃO BASTOS

ENGELS 1820-2020: UM HOMEM BICENTENÁRIO  
COM DIFERENTES PROPS

A ERA PUTIN NA RÚSSIA  
COM HUGO ALBUQUERQUE

INTRODUÇÃO AO PODER POPULAR  
COM GABRIEL LINHARDES

MARXISMO E A QUESTÃO RACIAL E COLONIAL  
COM JONES BACHION

TROTSKY E STALIN: POLÊMICAS SOBRE A LUTA PELO SOCIALISMO NA URSS E NO MUNDO  
COM DIFERENTES PROPS

LÊNIN, VIDA E OBRA 1870-2020  
COM VALTER FOMAR E BRUNO ALTMAN

GRAMSCI, VIDA E OBRA  
COM VALTER FOMAR E BRUNO ALTMAN

EDUCAÇÃO E REVOLUÇÃO: A PEDAGOGIA SOCIALISTA SOVIÉTICA  
COM DIFERENTES PROPS

APLIQUE O CUPOM DE 20% DE DESCONTO #JACOBINCAIXA